



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da adequação de capacidade da rodovia BR-
230/PB**

Campina Grande-PB, 28 de julho de 2009

Meus queridos companheiros da Paraíba,
Meu caro companheiro governador do estado, José Maranhão,
Meus caros companheiros ministros Alfredo Nascimento, dos
Transportes, e Fernando Haddad, da Educação,
Meu caro companheiro Luciano Cartaxo, vice-governador da Paraíba,
Meu caro Roberto Cavalcanti, senador da República,
Deputados federais Armando Abílio e Jô Moraes. A Jô Moraes, para os
companheiros aqui saberem, ela é deputada federal por Minas Gerais, mas
companheira do PCdoB, grande companheira nossa. E para mim é novidade
saber que ela é mineira, porque eu sempre achei que ela... que ela era
paraibana, eu sempre achei que ela fosse mineira. Ela (incompreensível) de
Cabedelo porque ela queria um pouquinho d'água para tomar um banho,
porque em Minas Gerais não tem mar, então ela veio para cá.

Meus caros companheiros deputado Major Fábio, deputado Manoel
Júnior, deputado Marcondes Gadelha, deputado Wilson Santiago,
Meu caro companheiro Pagot, diretor-geral do DNIT,
Meu caro companheiro Veneziano Vital, prefeito de Campina Grande,
Meu caro Claudino César Freire, prefeito de Gurinhém,
Meu caro Expedito Leite da Silva, superintendente do DNIT na Paraíba,
Meu caro Sérgio Tomaz, inspetor da Polícia Rodoviária Federal da
Paraíba,
Meu caro Solon Alves Diniz, superintendente do DER da Paraíba,
Companheiros deputados estaduais,



Vereadores,
Secretários dos estados,
Meus amigos,
Minhas amigas,

Bem, deixa eu cumprimentar aqui a prefeita Clarice, de Pedras de Fogo; a prefeita Magna Gerbasi, de Rio Tinto; o prefeito João Madruga, de Mataraca. Mataraca, Mataraca... Então, escreveram errado aqui para mim.

Meus companheiros prefeito Claudino, de Gurinhém; prefeita Marcilene, de São Miguel de Taipu; prefeito Adal, de Salgado de São Félix; prefeita Dida, de Itabaiana; prefeito Eduardo, de Mamanguape; e prefeito Marcus Odilon, de Santa Rita. Eu estou impressionado como é que na (incompreensível) da Paraíba, dizem que é terra de mulher macho, tem muito mais mulher do que homem prefeito aqui nesta região. Olhe, ô gente, não colocaram a minha querida companheira de Pombal aqui... um abraço para a nossa prefeita de Pombal.

Olhe, eu falei para o José Maranhão que nós temos que ter cuidado porque para a gente vir poder fazer esta inauguração, a gente teve que trancar várias partes da pista aí e eu vi um tanto de caminhão parado ali, é capaz de a gente perder mais voto do que ganhar voto aqui. Como eu não sou candidato, então eu não tenho mais problema de voto.

Mas é importante vir aqui porque esta é uma rodovia extremamente importante para o País. Saber que uma rodovia que nasce aqui em Cabedelo vai até o estado do Amazonas é um privilégio realmente, é um privilégio...é uma estrada de mais de quatro mil quilômetros. E quando a gente vem duplicar este trecho importante dessa rodovia, este trecho que eu cansei de passar aqui nos anos 80, na fundação do PT, na fundação da CUT... era uma pistazinha que para um carro passar o outro tinha que parar... aqui morreu muita gente. Inclusive, Maranhão, a mulher do meu companheiro Marco Aurélio, ela morreu



aqui nesta estrada indo visitar, indo visitar a Margarida Alves, indo a um ato da Margarida Alves quando ela foi assassinada em Lagoa Grande.

Então, quando a gente vem aqui completar a fase final da inauguração de uma estrada que pega o trecho mais importante do estado da Paraíba, envolvendo João Pessoa e Campina Grande, eu não poderia deixar de vir aqui. Não poderia deixar porque um governante governa também por símbolos, com atitudes, com gestos, e a gente precisa fazer com que as coisas boas que acontecem neste País, que a gente participe, porque senão a gente só vê as coisas ruins sendo noticiadas todo santo dia. Então, é preciso a gente vir de corpo presente para dizer ao povo da Paraíba que, finalmente, o povo de Campina Grande vai poder ir tomar um belo banho de mar em João Pessoa, em uma estrada totalmente duplicada. Ainda assim, é importante que os companheiros saibam que, se beber, não dirija. Se beber, não pegue estrada. Porque o cidadão bom vê esta faixa do meio, mas o cidadão meio, meio, “esbilhiotado”, vai pensar que é a mesma coisa e vai fazer ziguezague. Então, é importante não beber. E o pessoal de João Pessoa vai poder vir a Campina Grande para fazer compras, vai poder... Porque o povo de Campina Grande não é mole. Eles acham que Campina Grande é mais importante do que João Pessoa. Não é verdade, Veneziano? É verdade. É uma disputa... É que nem Garanhuns e Recife. A gente não sabe qual é maior.

Mas eu queria dizer para vocês que o que está acontecendo no Brasil, hoje, é uma coisa que não pode parar. O Brasil passou muito tempo, muito tempo, em que a gente vivia uma crise atrás de crise e a gente não via o Brasil melhorar. As coisas estavam sempre piorando. Quando a gente pensava que ia melhorar, a coisa piorava. Nós dizíamos, há pouco tempo: essa crise internacional... que essa crise causou muito problema na Europa e nos Estados Unidos. Essa crise causou muitos problemas nos países, também, pobres do mundo. Eu dizia textualmente: essa crise vai chegar por último no Brasil e essa crise vai sair primeiro do Brasil.



Hoje, como presidente da República, eu posso dizer para vocês: quem apostou que a crise ia fazer este país dar um passo para trás, quebrou a cara, porque todos os indicadores sociais estão mostrando que este país já venceu a maior dificuldade da crise. Essa crise não fez com que nós tirássemos um centavo das políticas sociais. Pelo contrário, quem trabalha na agricultura sabe que nós aumentamos, agora, de R\$ 12 bilhões para R\$ 15 bilhões o Plano Safra para a Agricultura Familiar. O Fernando Haddad não deixou de comprar um tijolo para uma escola, por conta dessa crise. Não deixamos de contratar um professor.

Agora, eu queria pedir para os deputados, para os senadores e para o povo: prestem atenção, porque nós estamos fazendo muita escola, universidades e escolas técnicas. E para ter escola, tem que ter gente para trabalhar na administração e tem que ter professores e professoras. E nós estamos com muitos pedidos de aprovação de lei para fazer concurso e a oposição não quer deixar passar as vagas que nós estamos querendo contratar. Se não aprovar, daqui a pouco a gente tem escola pronta, aluno matriculado, e a gente não tem professores porque a oposição não tem interesse em que este país possa melhorar.

É importante vocês fiquem atentos porque só extensão universitária, levando campi para cidade do interior, são 105. Só universidade nova são 12, mais quatro que estão para ser votadas no Congresso Nacional. E nós sabemos perfeitamente bem que se a gente quiser tirar o Nordeste do empobrecimento em que ele foi jogado há séculos, a gente tem que investir na Educação, na formação profissional dos nossos jovens, para que este país possa dar um salto de qualidade. Eu, a partir de agora, vou começar a viajar mais o Brasil, porque nós temos muitas obras para inaugurar. A partir de agora, muitas obras do PAC vão ser inauguradas e eu vou começar a viajar o Brasil e todo o Nordeste.



Só para vocês terem ideia, só no Rio Grande do Norte nós temos sete escolas prontas para inaugurar, escolas técnicas. Agora eu vou sair com o Veneziano e vamos parar num lugarzinho específico que tem aí, que tem uma creche, que é dinheiro do governo federal dado para os prefeitos fazerem uma creche. Nós estamos fazendo 500 por ano, para garantir que as mulheres trabalhadoras possam sair para trabalhar e ter onde deixar o seu filho, para que ele possa ser cuidado com muito carinho.

Meu querido companheiro Zé Maranhão. O Zé Maranhão é muito esperto. Você veja que eu venho aqui inaugurar uma obra e ele já conseguiu tirar do meu ministro dos Transportes outra obra. Eu, Veneziano, quero que você tome cuidado, porque esse negócio de fazer uma ligação daqui até Caruaru, a guerra de quem tem o melhor São João vai aumentar. Porque Campina Grande acha que tem o maior São João do Brasil. Caruaru acha que Campina Grande não chega perto de Caruaru. Agora, até a Bahia inventou que faz o melhor São João do Brasil. Eu me comprometi com o Veneziano, no ano que vem eu vou vir no São João aqui. Estou preparando as canelas, as canelinhas estão finas, mas estão azeitadas. Eu quero ver quem de vocês vai aguentar dançar um forró comigo no meio da praça ali, Veneziano, no meio da praça.

Mas, companheiros, afora a brincadeira, eu queria dizer para vocês o seguinte: o Brasil está vivendo um momento muito excepcional da sua vida. Acabou aquele tempo em que a inflação matava o trabalhador brasileiro. Acabou aquele tempo em que os Estados Unidos espirravam e a gente pegava pneumonia. Acabou aquele tempo em que tinha uma crise na Rússia, o Brasil afundava. Acabou, acabou. Este país aprendeu a se respeitar, este país virou um país grande, e este país só tem que melhorar.

Eu até pedi... quero fazer um apelo para os prefeitos aqui. Acho que todos os prefeitos deveriam fazer reuniões com os sindicatos de trabalhadores rurais, chamar os trabalhadores rurais para as reuniões, porque a gente coloca



dinheiro no Banco do Brasil para emprestar para o agricultor, e o pessoal do Nordeste ainda pega pouco dinheiro no Banco. É importante a gente orientar os trabalhadores, e nós colocamos R\$ 15 bilhões no Pronaf. Se os trabalhadores não forem orientados, eles não saberão como ir ao Banco pegar dinheiro. Nós colocamos R\$ 25 bilhões para financiar 60 mil trabalhadores para a agricultura familiar.

Mas aí, eu queria pedir que os prefeitos – já falei com o José Maranhão – façam uma reunião com a Federação dos Trabalhadores, façam uma reunião com os sindicatos para orientá-los, porque o que é mais triste para o governo é a gente colocar dinheiro e, no final do ano, o banco não ter aplicado o dinheiro porque os trabalhadores que estão necessitados não têm informação adequada para pegar esse dinheiro. É muito dinheiro, e posso dizer para vocês que, se precisar, tem mais.

A gente não pode esquecer que a agricultura familiar é responsável por 70% da produção dos alimentos, no Brasil. Tudo o que nós comemos na mesa, de São Paulo, do Rio Grande do Sul e da Paraíba é produzido pela agricultura familiar. Portanto, nós temos que incentivar o agricultor familiar. O nosso programa de compras de alimentos... Ou seja, nós temos a responsabilidade de não permitir que o pequeno produtor, que produz a sua macaxeira, que produz o seu feijão, que produz o seu milho, depois passe fome porque não tem onde vender esse produto, porque o mercado ofereceu um preço muito baixo.

O governo vai garantir de comprar esse produto, sobretudo aqueles que produzem leite. Hoje nós compramos até 2.500 litros de leite por região, vai aumentar para 4 mil litros de leite agora. Esse é um programa importante, para garantir que uma pessoa que tenha uma vaquinha, duas vaquinhas, três vaquinhas não fique indo na feira para vender o seu leite, aí não consegue vender, o leite azeda e ela perde tudo. Ou seja, nós queremos garantir que esse pequeno produtor possa vender o leite e, para isso, o governo está



comprando, para a gente dar para as pessoas mais pobres. Não é possível, de um lado você ter pessoas passando fome e, de outro lado, você ter leite sendo jogado fora.

Por isso, meu querido companheiro José Maranhão, eu fico feliz com o andamento das obras do PAC porque hoje, no Brasil, se eu contar para vocês a dificuldade de você fazer uma obra... Olha, você começa a fazer uma obra, aí você tem que fazer o projeto. Quando você faz o projeto, você vai pedir o Rima junto ao Ibama. Aí, tem uma quantidade de exigências que demoram um mês. Não é culpa do Ibama, não, é culpa da lei. Aí demora muito tempo. Aí, quando você consegue resolver o problema, você pega a licença prévia; depois da licença prévia, você pega a licença de instalação; depois da licença de instalação, você pega a licença para começo da obra. Quando tudo parece que está bom, tudo parece que está bom, o Tribunal de Contas vem e diz que tem uma coisa errada. Aí, quando a gente resolve no Tribunal de Contas, quando parece que tudo está bom, o Ministério Público entra com um processo. Quando parece que tudo está bom, a empresa que perdeu a licitação entra com um processo e, às vezes, uma obra demora dois anos para começar, dois anos e meio para começar. E as pessoas não levam em conta o prejuízo que o País tem, com essa paralisação. As pessoas não levam em conta. Não pensem que é fácil a gente fazer uma obra neste país, não. Tem mais gente para ser contra do que gente para ser favorável, tem muito mais gente.

Ou seja, por isso que eu acho que agora que nós encontramos o caminho da roça, agora que nós conseguimos ver onde é que as coisas têm que andar para a gente não ter problema, é que nós vamos começar, agora, a inaugurar muitas obras do PAC. Eu trabalho com a ideia de que o Nordeste brasileiro, nos próximos dez ou 15 anos, será motivo de orgulho, porque até agora, lá para as bandas de onde eu moro, as pessoas vêm nordestino apenas como um exportador de miseráveis para a região rica do País. Eu acho que, do jeito que está o Nordeste...



Só na Paraíba, o PAC tem 9 bilhões e meio. No Nordeste inteiro, são mais de 132 bilhões de dinheiro de obras do PAC. Eu penso que daqui a uns dez anos a gente vai poder vir aqui na Paraíba, em Pernambuco, no Ceará, no Rio Grande do Norte, e a gente não vai ver diferença entre os estados do Nordeste, os estados do Norte e os estados do Sul do País.

Nós precisamos trabalhar para elevar o nível de desenvolvimento do Nordeste brasileiro, e o nível de desenvolvimento do Nordeste brasileiro está umbilicalmente ligado a duas coisas: muito investimento em infraestrutura – estradas, pontes, ferrovias, hidrovias – e, ao mesmo tempo, muitos investimentos na coisa mais sagrada, que é Educação. Melhorar o ensino fundamental, melhorar o segundo grau e muitas escolas técnicas. E, para isso, nós tivemos a coragem de aprovar o piso dos professores, no ano passado, no Congresso Nacional, que não é muito ainda. Eu não acho que R\$ 950 seja muito para uma professora entrar em uma sala de aula e cuidar de 40 crianças, de 30 crianças, de 45 crianças. Não é muito, mas nós já demos um passo, porque tinha estado pagando 400, e a cidade pagando R\$ 300. Agora todo mundo vai ter que pagar, no mínimo, 950. É uma conquista. Quem sabe, daqui a algum tempo, a gente aumente um pouco mais, até que a gente volte a respeitar as professoras brasileiras, porque a profissão foi penalizada durante muito tempo, por muitos governos. As pessoas querem educação de qualidade, as pessoas querem que a professora seja dedicada, mas na hora de pagar salário, as pessoas não lembram que a professora também tem filhos, tem casa e precisa viver dignamente, e ganhar um salário para viver decentemente.

No mais, meus companheiros e companheiras, antes que eu perca mais votos dos caminhoneiros, um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
